

Entrevista com Viegand Eger

Entrevistadores: Viegas Fernandes da Costa e Darlan Jevaer Schmitt

Rio do Sul, 24 de novembro de 2011.

Entrevistado: **Viegand Eger – V.E.**

Entrevistador: **Viegas Fernandes da Costa – V.F.C.**

Entrevistador: **Darlan Jevaer Schmitt – D.J.S.**

Edição coordenação e revisão: Viegas Fernandes da Costa (Biblioteca Universitária/ FURB).

Transcrição primária: Eduardo Götzinger (CEMOP/ FURB)

Entrevista realizada em 24 de novembro de 2011.

Local: Rio do Sul – Gabinete da Reitoria da Unidavi.

Viegas Fernandes da Costa – Professor, o senhor fez economia no Paraná. Eu queria que o senhor nos contasse um pouco como é que foi, porque o senhor é natural aqui de Rio do Sul. Então, como é que foi essa sua ida ao Paraná? Por que a escolha pelo curso de economia?

Viegand Eger – Bom, nós fizemos o segundo grau técnico em contabilidade em Rio do Sul. Aqui não tinha ainda o científico. Só tinha o técnico em contabilidade e o Normal de segundo grau. No segundo grau fizemos contabilidade, e fizemos contra a nossa vontade mesmo, chorando no primeiro dia de aula, porque eu queria fazer o científico. Nós aqui não tínhamos o Científico, então ou ia para Blumenau, lá era difícil entrar, no Santo Antonio e tal... Também em Lages era muito difícil, era muito disputado, daí sugeriram ir pra Paranaguá, mas não deu, não deu. Também não tinha dinheiro pra ir, minha família é bastante humilde. Eu disse: vou fazer, eu vou. Paralelamente me preparava porque queria fazer odontologia. Então eu estudava, tinha pilhas de livros, e ia falar com os professores de física, de química, que era o Dr. Guilherme Gemballa, que mais tarde veio a ser parceiro meu na criação da Fundação. No dia em que eu fui fazer a inscrição em Curitiba, na Federal lá... documentos e tal, uma moça pegou os documentos e: “ Ah, mas tu não ‘tem’ o científico, isso aqui é contabilidade”. É. Não, nem perca tempo, tu não ‘vai’ passar; nem adianta, isso aí é perder tempo. Não, estou estudando, vou fazer. Quer dizer, um desânimo! Fui lá fazer o vestibular, e naquela época ainda era vestibular escrito e oral. Passei! Não achei difícil, porque eu tinha estudado muito mesmo. Andava com os livros debaixo do braço ou em cima do bagageiro da bicicleta; e passei! Mas acontece que a gente, quando é jovem não olha para as problemáticas. Começaram as aulas. Mais entusiasmado, barbaridade! Mas,

como é que eu vou me manter? Ah, eu vou arrumar um emprego lá e tal. Tudo bem. Arrumei uma pensão lá na Praça Garibaldi, barbaridade de ruim, onde tinha que dormir no chão. Comecei a procurar emprego. Mas aí, o problema é que não tinha saído o horário das aulas. Era aquela coisa, vai sair semana que vem, vai sair tal... Um dia fui falar com o Bedel, já que o diretor a gente nem conhecia. O Bedel era o relacionamento com os alunos. Perguntou-me: “por que você quer saber?” “Preciso do horário porque quero arrumar emprego, tenho que saber se eu estudo de manhã, à tarde ou à noite.” “Não, não, não. Não pode. Medicina, essa área de medicina, tempo integral. Não, não. Não dá!” “Ah meu Deus do céu!” Eu tinha como colega um japonês lá do Oeste do Paraná, e eu sentava com ele. “Vamos lá na empresa do meu tio, que é as Farmácias Minerva. Te arrumo um trabalho como plantão. Das onze e meia da noite às cinco horas da manhã.” “Jóia, feito o negócio!” Eu ia a pé, e era longe, só pra não pagar ônibus. Dormia à prestação. Ia dormir cinco e meia, acordava sete e meia, ia pra universidade, voltava, comia um pouco, dormia outra vez. Tinha que voltar pra universidade. Dormia mais um pouco, ia para o trabalho. Virava a noite toda. OK! Mas eu estava começando a sentir uma tontura. Um dia cheguei em casa, meus pais moravam em Gaspar, e minha mãe disse: “Meu Deus, o que é que tu tens?” “O quê?” “Estás transparente, estás com algum problema. Vai pro médico!” Voltei pra Curitiba e fiz exame de sangue lá na universidade mesmo. Daí o médico disse: “Estás te alimentando bem?” “É, mais ou menos.” “Dormes bem?” “É, eu durmo um pouco de madrugada. Na madrugada, aliás, eu começo a dormir cinco e meia, seis horas, aí à tarde eu durmo um pouquinho, à noite eu trabalho.” Ele disse: “Tu tá doido! Para já com isso, senão tu não vais viver mais nem meio ano.” Ai eu parei, né. Como eu tinha feito um segundo grau técnico em contabilidade, tinha um conhecimento nessa questão financeira, da economia e tal, comecei a pensar... Naquela época estava em evidência, assim, o equivalente hoje ao Banco Central. Não se chamava Banco Central, posso me lembrar daqui a pouco. Os concursados em auditoria, em ciências contábeis, ciências econômicas, tinham um mercado certo no Banco Central. Então era aquela corrida. ‘Tá’, eu vou fazer Economia. Trabalhava numa empresa, internacional até, a Anderson Cleiton.

Darlan Jevaer Schmitt – Estamos falando de que ano professor?

V.E. – 1959. E, tive o privilégio de conhecer a construção de Brasília, que estava em evidência em 59. Conseguimos, através de um senador do Paraná, um avião daqueles

búfalos, e um dia saímos de madrugada e fomos conhecer a construção de Brasília. Tive o privilégio de conhecer Che Guevara, no Parque Anhembi; que ele veio pra..., isso já era 61, pra assinar lá... Não! Receber a condecoração do Jânio Quadros.

V.F.C – Aquela condecoração relâmpago.

V.E. – Aquela loucura, tinha quinhentos mil estudantes. Naquele dia cantei o jogo que ia acontecer. Porque, nós fomos de trem; de trem de carga nós fomos de Curitiba para São Paulo. Viajando a noite toda. Chegamos na Estação da Luz era de manhã cedo. Dali fomos a pé até o Anhembi, porque ele vinha à tarde. Estava em Brasília e vinha à tarde. Nós metidos nesse negócio de UNE, sabe? O presidente da UNE, só pra vocês terem uma idéia quem era o Sepúlveda Pertence. A gente tinha contato sempre com ele. Hoje é um figurão! Ele era o presidente. Nós éramos do núcleo Curitiba. E então...

V.F.C – O senhor fazia parte do DCE então?

V.E. – Sim. DCE não, chamava-se UPE, União Paranaense de Estudantes. E ali tinha uns quinhentos mil estudantes. Só que estava tudo cercado por militares, marinha, aeronáutica. Cantei o jogo nesse dia: esse troço não vai longe. Eles não fizeram nada, mas não viram com bons olhos a vinda do Che Guevara. E tinham razão. Eu tenho umas fotos lá cumprimentando o cara, quase me incomodei com isso no tempo do governo militar. E só falava abobrinha. Só falava em revolução, revolução. Ele era muito simpático, muito carismático, ele era assim. Ficou conversando conosco, a diretoria e tal. Bom, tive também o privilégio depois de ir pra São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas, fui lá e consegui uma bolsa para ir para a Alemanha em 1963. Terminei o curso em 62. Tive a oportunidade de conhecer John Kennedy, três meses antes de ele ser assassinado. Aliás, anteontem fez aniversário do assassinato dele. Ele fez um célebre discurso no Muro de Berlim. Diz que tinha dois milhões de pessoas lá. Lançou aquela famosa frase Ich bin ein Berliner! Eu sou um berlinense. [risos] Bom, foi um período muito agitado e que não era..., a revolução foi em 64, eu terminei o curso em 62. Mas o Brasil fervia; o Brasil fervia. Desde 59 havia sempre confusão. Aí veio aquela história do Jango assumir, né. Que o Jânio renunciou. Foi um negócio! Olha, não passava uma semana que não tinha manifestação na Rua XV em Curitiba, de estudante. Era pau, era enfrentar militares, era arrancar paralelepípedos. Hoje é tudo asfaltado. Era uma

estupidez. Realmente não podia prosseguir assim, não podia. A gente estava no meio assim e meu Deus do céu! Os estudantes mandavam, era só anarquia!

V.F.C – Sua família estava morando em Gaspar, mas ela é natural de Rio do Sul...

V.E. – Sim, sim. Meus pais moraram só alguns anos em Gaspar. Depois retornaram pra Rio do Sul.

V.F.C – Então o senhor sai de Gaspar e vai pra faculdade?

V.E. – Não, eu nem fui junto com meus pais. Eu trabalhava aqui. Daqui já fui para Curitiba.

V.F.C – E lá se envolveu com o movimento estudantil?

V.E. – É

Viegas- O senhor tinha quantos anos nessa época?

V.E. – Oh, 19 anos!

V.F.C – Um pós-adolescente. Um jovem do interior do estado, porque na época Rio do Sul era muito interior. Como é que um jovem via esse movimento todo e se inseriu nesse movimento?

V.E. – Muito interior. É que a gente organizava assim as coisas... O pessoal falava “tu tens que participar, fazer isso, vamos organizar as coisas.” Só que realmente os militares tinham razão, isso não podia continuar assim. E tinha dinheiro infiltrado, dinheiro que vinha de fora. Engenharia tinha dinheiro, barbaridade! O diretório de engenharia. E eram os mais anarquistas que tinha. Era uma loucura. E foi que deu no que deu; em 64, revolução, porque não era possível continuar desse jeito. E veio aquele medo também, porque Che Guevara falou naquele discurso dele que a meta também era fazer revolução no Brasil. Esse troço não vai dar certo. E os militares de olho, né. Então foi uma época assim, interessante. Ah, também cheguei a conhecer na Alemanha o famoso Elvis

Presley; era um ídolo nosso. Elvis Presley, ele serviu no Muro de Berlim. Deu baixa e voltou para os Estados Unidos e começou a se consagrar como cantor. As tropas americanas estavam acantonadas em Berlim, aquilo lá era uma praça de guerra, uma loucura aquele troço. De um lado tinha americanos, franceses e ingleses, no outro lado tinha os russos. Então era tanque dia e noite, pra lá e pra cá. E as tropas americanas convidaram o Elvis para dar um show já que ele tinha servido anteriormente, no muro. Ele deu um show lá, também diz que tinha mais de um milhão de pessoas, coisa de louco, né. E então a gente voltou pra Rio do Sul, e quando voltei pra cá, estava cheio de ideais, mas dinheiro tinha nenhum, tinha só uma bicicleta.

D.J.S – O senhor só voltou depois de formado e capacitado na Alemanha?

V.E. – É. Certo. E a minha intenção eu sempre falava: puxa, eu queria criar, fazer uma faculdade. Uma faculdade aqui. Não tinha nem em Blumenau. Em Blumenau só começou em 64. E esse era o ideal. Cheguei aqui e criei uma empresa. A agência Volkswagen. Não tinha. Todo mundo dizia que era um carro feio e tal. Fui falar com o Natim em Blumenau, que tinha a Blusa. Um gordão assim. Já é falecido a tempo. Ele me deu uma força. Aí, como arrumar dinheiro? Arrumar dinheiro com os plantadores de arroz, os colonos guardavam o dinheiro em casa e tal. Primeiro eu fui a São Bernardo e a diretoria era toda de alemães naquela época. Eu falava alemão e tal... Começamos humildemente com um carro. E o primeiro carro que nós conseguimos, nunca vou esquecer, foi um Fusca e nem conseguimos vender em Rio do Sul. Sabe quem comprou? Um cara de Blumenau: Udo Schadrack.

V.F.C. – Desculpe interromper, mas quando o senhor se formou em economia, sua intenção era retornar a Rio do Sul?

V.E. – Sim, sim. Não tenha dúvida. Ai fui para uma empresa de “maquinaria”. Fui diretor administrativo, financeiro. Fui sócio da Volkswagen, agência que a gente criou. Começamos pequenininho, depois dois carros, três carros, quatro, tal, tal, e foi indo. Aí encontrei um maluco também assim, mas um homem já maduro, eu tinha 23 anos, e encontrei um cara, que eu dava assistência à empresa dele, porque, veja bem, “em terra de cego, quem tem um olho é rei”. [risos] E com a minha formação, eu dava assessoria a mais de quinze empresas. Parte financeira, tributária. E também tinha os Laboratórios

Gemballa. E o Dr. Gemballa era doutor em bioquímica. A tese dele foi em sassafrás. Veja que ele tinha 50 e poucos anos e eu tinha 20 e poucos, mas a gente se dava que nem irmãos. Eu com minhas ideias de criar uma faculdade e ele endossando, vamos levar a frente.

V.F.C - Mas alguém mais já falava disso aqui na região, professor.

V.E. – Acho que não. Pode ser que falava...

V.F.C – Quer dizer, foi uma idéia que o senhor trouxe pra Rio do Sul.

V.E. – É. E o Gemballa foi imediatamente e endossou. No dia 15 de Abril de 1964, o dia do município de Rio do Sul, feriado. Naquele dia assumiu a presidência Castelo Branco. Como não tinha televisão, todo mundo escutava pelo rádio. Nós tínhamos uma birosca no centro de Rio do Sul, ali onde é hoje a Galeria Bazanella, aonde íamos tomar cafezinho, jogar bilhar, um troço bem rudimentar, então todo mundo se encontrava ali. Estávamos lá conversando com o Gemballa, com gerente do Banco do Brasil e tal, e fomos escutar o discurso do Castelo Branco na rádio. E ele fez um discurso muito positivo. Fez um discurso conclamando o povo brasileiro a realmente ter iniciativa, vamos recuperar esse país, vamos fazer esse país crescer. Cada um em sua cidade procure fazer alguma coisa. O Brasil precisa sair dessa letargia que está. Não temos nada, não temos infra-estrutura. De fato aqui não tinha estrada, não tinha luz, não tinha telefone, não tinha coisa nenhuma. Era tudo precário, barbaridade! E nós, sentados na roda, vinha mais um, mais um outro, chegou o Dr. Nelson de Abreu, que era chefe da casa civil do governo Celso Ramos, era de Rio do Sul, tinha sido meu professor no segundo grau. Ficamos conversando. Daí, o que nós podemos fazer? Dr. Gemballa, o que é que nós podemos fazer por Rio do Sul e atender nosso presidente? Estamos parados aqui, tínhamos saído da era da madeira. Rio do Sul estava lá em baixo. Acabou a madeira...

V.F.C – Decadência econômica...

D.J.S. – Tinha encerrado o ciclo...

V.E. – E aí eu disse: “Gemballa, que tal se a gente criasse uma faculdade?” “Boa idéia, boa idéia. Vamos fazer.” “O que vocês acham aí?” Os outros: [risos] “Como? (risos) Não tem nada. Não tem professor, não tem nada. Como é que vai fazer uma faculdade aqui em Rio do Sul?” “É, mas em Blumenau já tá pra começar.” Era em 64.

V.F.C – E essas notícias chegavam aqui?

V.E. - Sim, chegavam. Ai entrou o Dr. Nelson de Abreu que era secretário do Governador. “O que é que o senhor acha, Dr. Nelson?” “Não, pode contar comigo, agora eu não sei como vais fazer isso, né. Mas pode contar comigo.” Tudo bem. E saímos dali com essa idéia. Assim, cada um: Pessoal, vamos pensar quem poderia ser professor. Primeiro assim: qual é o curso. Dr. Gemballa defendia filosofia. Ele também tinha razão. Ele dizia assim: “Nós precisamos formar professores, nós não temos professores.” Eu defendia administração e gerência, pelo fato que eu conhecia as empresas, a precariedade que havia na gestão das empresas. E os outros também: olha, eu acho que é uma boa. Mas tinha a ESAG. A ESAG já tinha começado com o primeiro curso.

V.F.C – Mas isso em Florianópolis.

V.E. – Florianópolis, Florianópolis. E foi... ‘Pessoal vamos pensar nesse negócio.’ E assim foi. De vez em quando a gente se encontrava no bar falando sobre o assunto. E foi até 66, nós fomos a Blumenau falar com o Dr. Martinho Cardoso da Veiga que era diretor da Faculdade de Ciências Econômicas. O Martinho era um cara que tinha uma penetração muito grande com os empresários em Blumenau. Era muito próximo ao Zadrozny, ao Hering e tal. Ele chegava e..., estava sempre envolvido. Acho até que ele foi presidente da Associação Empresarial.

V.F.C – Vocês já conheciam o Martinho Cardoso da Veiga quando foram lá?

V.E. – Não, foi a primeira vez.

V.F.C – E foram bem recebidos?

V.E. – Foi ótimo! Eu gostei muito dele, tornou-se um parceiro e um amigo. Na aula inaugural, vocês devem ver na foto, ele está na mesa, na aula inaugural Daí convidei ele, que veio e conversou longo comigo e disse uma coisa pra mim naquele dia. Eu estava com a minha mulher, era recém-casado, daí ele disse assim: Olha, minha senhora, a partir de hoje, pode estar certa, seu marido à noite não vai estar em casa, nem no fim de semana, pode se aprontar, hein. [risos de todos] Eu sei o que é isso. Nunca me esqueço do que ele falou. E ele era um cara que a gente consultava, falava a experiência deles. Fui lá, era lá na Ponta Aguda a faculdade, no colégio. Então a gente foi. Começamos aí o curso, a aula inaugural e tal. Nós com uma expectativa danada! Porque, antes disso, veio uma história muito séria. Criamos a Fundação mantenedora, FEDAVI. Câmara aprovou, conseguimos convencer o prefeito pra assinar a lei, em 7 de Julho. Tá! Bom, agora o negócio é conseguir a autorização do curso. Conselho Estadual, né.

D.J.S – Dois anos este processo todo.

V.E. – Exato. Agora é que vem, né. Conselho Estadual. Tá, entramos lá com os papéis pedidos. Não demorou um mês, indeferiram. Indeferiram! E dizendo assim, uma série de coisas, que não tem condição de atender, não tem nem segundo grau acadêmico e uma porção de coisa. Fomos apelar politicamente. Falamos com o Celso Ramos. O Celso Ramos falou com o presidente do Conselho Estadual

V.F.C – Quem foi procurar o Celso Ramos, professor?

V.E. – Gemballa e eu.

V.F.C – Vocês dois. E já o conheciam?

V.E. – Sim. O Gemballa, porque ele era muito PSD. Eu não, eu era da UDN. O Celso Ramos PSD.

V.F.C – Havia alguma relação política entre o senhor Gemballa e o Celso Ramos?

V.E. – Sim. E o Celso Ramos: “Presidente do CEE...” “Mas governador, eles não têm condições.” “Pois é, mas não sejam tão rígidos com eles, estão com boa vontade. Ah veja bem isso ali e tal.” Bom, o Celso Ramos já estava em fim de mandato, entrou o Ivo Silveira. O presidente do Conselho já era o Orlando Ferreira de Melo. Fomos falar com o Ivo Silveira e tal. Não, primeiro com o Orlando Ferreira de Melo. Daí ele disse: “pois é, vocês não têm condições.” Mas os caras queriam demais. Queriam professor concursado, queriam sede própria, queriam biblioteca, queriam tudo. Botaram aquele troço na mesa para derrubar mesmo. Mas daí não dá para atender esse troço. Hoje ainda não atende. Apelamos para o Ivo. O Ivo Silveira: “Presidente, dá uma mão aí pra eles.” “Pois é, o pessoal aqui é contra e tal.” Henrique Stodieck era o relator do nosso processo, ô cara caxias, professor. Para vocês terem uma ideia, todos os conselheiros eram da Universidade Federal. Porque não existia outra coisa mesmo. Tinha a UDESC.

V.F.C. – Como a Universidade Federal, em Florianópolis, via essas iniciativas?

V.E. – Mal, mal.

V.F.C. – Por que professor?

V.E. – Criticava dizendo que nós não, que não havia condições pra isso. Esse era o pior. Eles faziam discursos inflamados. Henrique Stodieck era de Blumenau, mas era professor na Universidade Federal. Mas era muito... “Isso é uma vergonha, isso não pode.” Apelamos mais uma vez politicamente. Indeferiram outra vez. Nós batemos outra vez. Vocês não têm o segundo grau acadêmico. O que que nós fizemos, tudo bem, vamos botar um científico aqui. O Gemballa tinha um alto relacionamento na Alemanha e conseguimos dois laboratórios de doação: de química, e um laboratório de biologia. Montamos um científico no Colégio Evangélico Ruy Barbosa. Então trouxemos um professor de Blumenau, Lothar Krieck, vocês devem conhecer.

V.F.C. – Sim, publicou livros e tudo.

V.E. – Ele é natural de...

Viegas – Mas isso em que ano, professor, do científico o senhor lembra?

V.E. – 1966

V.F.C. – Só para a gente se situar temporalmente. Então o senhor volta em 62, as conversas sobre a criação de uma faculdade aqui aconteceram em 64.

V.E. – 64... Levaram dois anos.

D.J.S. – Dois anos!

V.F.C. – Isso, em 66 se instala um científico.

V.E. – Mas isso sobre a nossa égide. Aí chegamos para o Conselho Estadual: Temos científico agora. Tá, tudo bem, e o resto? Bom, o resto vamos conseguir. Mas o que eu descobri é que nenhum conselheiro conhecia Rio do Sul. Este era o problema, ninguém. E Rio do Sul estava fora da rota. Não tinha BR 470. Aqui por Ituporanga, isso era um picadão, Deus me livre! Eu fui uma vez. Levei meio dia pra chegar em Florianópolis. Furei dois pneus. Era um picadão! Tinha que passar pela velha Subida aqui para chegar a Rio do Sul. Para ir a Lages tinha que passar pelo Serril, que era um serra terrível. Então era isolado. Bom, um belo dia, de tanta pressão nossa, e política também, eles nos convocaram para ser votado em plenário. Fomos lá, o relator fez o relato e eles aprovaram. Mas, veja que a aprovação foi a título precário. Parecer 181/66. Assim, deram um prazo de um ano. Professores, sede própria, biblioteca e tal. Se não conseguirmos cumprir, fecha. Aí o Gemballa disse pra mim assim: Isso aqui é um atestado de óbito. Se nós chegarmos em Rio do Sul com isso, quem é que vai se inscrever na faculdade? Vamos botar no cofre. Botamos no cofre do laboratório [risos]. Fomos na rádio e anunciamos que o Parecer 181/66 foi aprovado e tal. Tá jóia. Não fala pra ninguém. Tá. Nós tínhamos, 14 dias, eu e o Gemballa como implantadores, para apresentar o corpo docente e diretor né, e aonde iria funcionar. Tudo bem, chegamos aqui, reunimos o outro pessoal que estava conosco; nós éramos em dez colegas. Eu mais ou menos tinha delineado assim, se for aprovado, de matemática, de economia, de direito e tal. Eu já tinha mais ou menos assim. Ok. Bom, agora vamos falar quem é que vai ser o diretor. Pessoal, entre vocês aqui: não, eu não, eu também não. Tá, tudo bem, agora vamos procurar fora. Quem é a sugestão de vocês: Fulano, beltrano e tal, tal. E de vez em

quando o pessoal dizia: “Ah, tem que ser você.” “Eu não, eu estou começando minha vida.” Eu não tinha nem filhos ainda.

V.F.C. – Quantos anos o senhor tinha?

V.E. – 24 anos. “Eu não, eu tenho meu trabalho na empresa. Vocês são todos caras consolidados.” Tinha gerente do Banco do Brasil, tinha promotor de justiça, tinha empresário, tinha inspetor federal. Eu digo: “Vocês têm tudo, a vida consolidada, vocês são tudo...” Todo mundo tinha mais de 40 anos, e eu tinha que fazer minha vida ainda. Daí sugeri um professor, Dr. Rubens da Silveira, que tinha sido meu professor no segundo grau, um cara muito inteligente, economista também, mas o pessoal não aceitou. Disseram que era comunista, não sei o que e tal. Bom, e foi e foi, e os dias esgotando e ninguém, ninguém... Aí o prefeito convocou e disse: “Olha, dia 28 de dezembro. Se não arrumarem, nós vamos riscar isso e acabar com essa história, se não tiver ninguém para ser diretor, nós vamos acabar com esse papo aí.” Bom, todo mundo convocado para estar no gabinete do prefeito, no dia 28 de dezembro, à noite. E o prefeito já deu um esporro: “Quanto tempo estão falando nisso e não tem...” “Pois é!” “Não, não, eu não tenho condição.” Aí foi. Era madrugada, uma e meia da manhã, o Gemballa chegou para mim e disse: “Ou tu aceitas, ou o prefeito vai vetar tudo.” “Mas por que eu?” “Não, faz o seguinte. Vamos fazer uma reunião aqui. Eu sei que tu estás preocupado, tu tens a tua firma pra cuidar.” Eu já era diretor de uma firma e tal. E eu tinha que dar satisfação a minha empresa também né. “Nós vamos fazer o seguinte: tu só vais assinar. Eu vou cuidar da parte financeira, ele vai cuidar do vestibular, ele vai cuidar disso e tal.” “Esse treco não vai funcionar.” “Não, pode confiar. E o prefeito bateu na mesa e tal. “Tá bom, se for assim como vocês dizem, então eu aceito.” Saímos da prefeitura uma e meia da manhã. Ali já eu recebi um balde de água fria, porque isso era uma coisa nova, assim como era em Blumenau, aqui também, a imprensa estava toda lá em baixo, esperando. Descemos e alguém perguntou: Quem é que ficou diretor? Daí o Gemballa: Dr. Eger aqui. Os caras disseram: Um guri deste, botar como diretor? Está começando tudo mal então. Quer dizer, só aquilo quebrou com a moral, né [risos] Cheguei em casa e disse para minha mulher: “acabei aceitando”. Meu Deus do céu! O que os caras já gozaram da minha cara lá e tal. Bom, já cheguei e convoquei: “Pessoal, amanhã vamos fazer uma reunião.” Porque tinha que tratar, tinha que mandar para Florianópolis, tinha que tratar do vestibular e onde que vai funcionar. Aí já começou:

“Não, eu amanhã não posso porque vou a Florianópolis”; “não, eu tenho compromisso e não sei o quê.” “Olha aí, já está começando.” No dia seguinte, o Gemballa chegou para mim e disse: “tudo isso que tu disseste, tens razão, eu sabia que podia acontecer isso. Mas tu podes contar comigo para qualquer coisa, dia e noite, o que tu precisares, e estou do teu lado, se fores preso eu também vou contigo e tal.” E aí foi à luta. No dia seguinte fui visitar aqueles que eu já tinha pensado para professores. Foi um bom time o primeiro ano. Mas ninguém queria alugar para nós as salas. Isso também é outro episódio. E todos os colégios: “Não, não podemos alugar.” Fui falar com o prefeito. “Ninguém quer alugar, parece que nós somos leprosos.” Aí ele ligou para o Dom Bosco e disse: “Olha padre, ou o senhor aluga, ou eu corto os recurso para a Escola Profissionalizantes.” Que hoje é o SENAI. “Ah, pois é, tem que ver com Porto Alegre.” Aí ele disse: “Tudo bem, nós vamos alugar o porão.” Aquilo era um lixo, sabe. Era lá onde eles botavam [inaudível]. Ai fizemos um ‘vaca’ pra recuperar aquilo. Fizemos a aula inaugural e tal. E começamos as aulas. O primeiro ponto de ligação forte com Blumenau foi justamente no final do primeiro semestre. O professor que justamente eu citei, o Rubens da Silveira. Era um gaúcho. Ele era muito influente nas empresas, tinha loja, tinha escritório e tal. E faltava que era barbaridade. Aí eu: “o senhor tem que... assim não dá...”

V.F.C. – Ele era professor de qual disciplina?

V.E. – Na área de economia. Foi aí que eu fui a Blumenau. Fui a Blumenau falar com o Martinho, precisava de professor. “Ah, vamos falar com o Pompeu.” Pompeu era professor no curso de economia. E o Pompeu topou. Grande cara viu! Grande cara! E topou vir. Foi o primeiro professor vindo da FURB. E depois, no segundo ano, a coisa ficou mais difícil. Lógico que em Blumenau o Pompeu me ajudou, uma vez que Blumenau também não tinha na administração, o negócio deles era economia. E aí garimpava assim, né. Encontramos um cara indicado pelo Pompeu, ele era diretor da Companhia Garcia, Empresa Industrial Garcia, chamava-se Israel Sartini. Acho que ainda mora em Blumenau. Esse cara era um carioca. Ele veio contratado pela Garcia para ser diretor da empresa. Cara inteligentíssimo. Em administração ele tinha um conhecimento fantástico! Falaram com ele e disse: “Rio do Sul, onde é que fica isso?” [risos de todos]. “Ah, mas eu só posso dar aula sábado e à tarde.” “Não tem problema!” Nossos alunos topavam tudo. Eram todos alunos veteranos. Tá, ele veio. Chegou aqui e

disse: “Meu Deus do céu, levei quase quatro horas!”. Branco de poeira, teve que passar por aquela subida, não dava pra ultrapassar ali e tal. Deu um show de aula. No fim da aula ele me disse assim: “Tu te incomoda de eu trazer um assistente comigo?” “Não, não.” No outro sábado ele veio com o assistente. O assistente era um recém-formado na FURB que se chamava Leo Arno Probst. Deu aula até... [interrompido]

V.F.C. – Naquela época, para lecionar bastava ter o ensino superior?

V.E. – Não tinha... Falar em pós-graduação era piada, né. O Leo ficou conosco... o mesmo período do Pompeu. Uns quatorze, quinze anos. Tornou-se um excelente professor.

V.F.C. – O assistente que substituiu o catedrático.

V.E. – É! E o Sartini não veio mais, não veio. [risos] Se mandou...

D.J.S. – E as aulas eram sábado à tarde?

V.E. – Sábado à tarde.

D.J.S. – E todo sábado?

V.E. – Todo sábado. Não tinha horário. Isso era bom, porque os alunos topavam tudo. Sabiam que o problema era esse. A maioria dos alunos era mais velha do que eu. No ano seguinte nós tivemos diversos professores de Blumenau.

V.F.C. - Este ano seguinte já era 67 ou 68?

V.E. – Era 68... 69! Ai já tinha Glauco Beduski, tinha Orlando Maria Murphy, Padre Orlando Murphy. Ele deu aula a tempo. Grande cara também; uma inteligência!

V.F.C. – Depois Padre Murphy tornou-se Reitor da FURB.

V.E. – Reitor da FURB

D.J.S. – Padre Orlando também fez a UNIFEB. Trabalhou muito tempo na UNIFEB.

V.E. – É. Osvaldo Moritz. Osvaldo Moritz estreou aqui. Léia Dalpra Neto estreou aqui. É irmã da Lia [corrigiu]. A irmã da Lia que trabalhou muito tempo na FURB, não sei se hoje ainda está lá. Eles estrearam aqui. Estavam tão nervosos que chegavam a trocar o cigarro com o giz. Assim, tremendo assim. [risos] Grandes professores. O Osvaldo Moritz, professor na Universidade Federal, ainda é professor. A Léia para França, para a Universidade de Sorbonne. Grandes figurões! Daqui saíram, aqui estrearam. Teve mais um professor de psicologia, Antonio Silva. O professor de direito da FURB, que era diretor da empresa... lá de Gaspar, como é que se chama aquela empresa grande de Gaspar?

D.J.S. - Círculo?

V.E. – Não, não. A outra, que hoje é Seara, como é que é...?

V.F.C. - A Bunge?

V.E. – É. Que era a Bunge antes ...

D.J.S. – Ceval

V.E. – Ceval. Antonio Carlos Silva era professor famoso em Blumenau. Deu aula aqui. Então, daqui a pouco os caras não quiseram vir mais, porque era um inferno vir de carro para cá. Então eu aluguei um carro em Blumenau, um táxi, um Opala verde, com o seu Juca Coelho, e ele trazia os professores. Só em fins de 72 que ficou pronta a BR-470. Imagina! Se hoje vocês tiverem que passar por ali na Subida, vocês Nunca mais vêm. Hoje, imagina naquela época. Eu precisava de um professor para administração de produção e de materiais. Em Blumenau eu não encontrei. Tinha que ser alguém formado em administração. Alguém me disse: Olha, em Lages tem um cara que se formou na PUC e dá aula lá nas Ciências Econômicas em Lages. Fui pra lá, eu e o Gemballa, fomos num domingo. Rastreamos onde ele morava. Fui falar com ele e: “Não, eu sou, mas eu nunca dei aula e... tá louco!” “Não, mas vamos lá para o senhor conhecer e tal.”

Convencemos ele para vir um domingo aqui. Ele veio. Só pelo Serril se passava ali, meu Deus, era uma grota assim. Uma estrada estreita, tudo de pedra. Passar à noite ali, né... Ai ele veio e gostou e tal. “Tá, mas eu só posso dar aula sexta à noite e sábado o dia todo.” “Feito o negócio, vamos lá!” Olhem um fato que aconteceu no primeiro dia: era em 69. Recebi um telefonema, era ele. “Ô Viegand, ‘tô’ aqui no Serril, eu vim, descii a serra e peguei uma vaca rapaz! Arrebentou meu carro todo aqui. Um Fusca. Mas eu vou chegar aí, eu vou pegar carona com um caminhão reboque de madeira e vou chegar.” Eu digo: “Pronto! Esse cara não vai mais dar aula.” Chegou aqui e tudo bem. “Nós vamos consertar teu carro e tal.” Custear para ele não desanimar. E fizemos isso aí. O cara ficou uns 8 anos conosco. Gostou. Todo pessoal que vinha aqui gostava de ficar. Formava uma amizade muito grande. Eu tenho muita saudade desse tempo, era um pessoal leal, pessoal bacana, pessoal competente. Vieram outros. Flávio Roberto Colaço veio de Blumenau. Tinha um cara de Marketing, Romeu Lourençon, não sei se já ouviram falar. Esse cara hoje está em Florianópolis; grande professor! Então era assim, eu cuidava mais da parte pedagógica e tal e o Gemballa cuidava mais do financeiro. Aí começamos a construção, aqui ó. Essa construção estava nesta laje aqui [indicando o assoalho da sala onde a entrevista se desenvolve].

V.F.C. – Deste bloco onde estamos, que é o bloco A.

V.E. – Este aqui, o bloco A. E no dia de natal o Gemballa faleceu. Repentinamente. Enfarte!

D.J.S. – Em que ano professor?

V.E. – 70. Fiquei sozinho. E o problema era que isso aqui era uma grande favela. Isso aqui era uma grande favela!

D.J.S. – Pois é, fala um pouco desse “presente”.

V.E. – É, esse “presente” em verdade nós recebemos em 67, um dia... porque nós pensávamos grande. Nós pensávamos grande! Nós não tínhamos nada, mas pensávamos em ser universidade, nós falávamos em universidade. Aí chegamos no prefeito e: “prefeito, nós precisamos de um terreno para a futura universidade.” Um dia ele nos

chamou: “Vem cá, tem uma doação para vocês aqui, a escritura está feita aqui para vocês.” “Mas esse é o terreno da Beira, prefeito!”

D.J.S. – Quem era o prefeito?

V.E. – Alfredo João Kriek. Ai meu Deus do céu! Eu e o Gemballa viemos aqui. Tinha oitenta e seis casebres. Quatrocentas e noventa pessoas. Quando chegamos aqui os caras: “Sim, o que que vocês vieram fazer aqui? Querem nos tirar? Não, pelo amor de Deus!” O Gemballa, como era farmacêutico, ele sempre tinha remédio no bolso. Ele já sabia, a pobreza vinha atrás dele. Chegou: “Ah Dr. Gemballa tá doendo aqui e tal.” “Tá aqui ó, toma isso aqui três vezes por dia.” Chegava no outro casebre: “Ah, meu filho tá doente.” “Toma isso.” E assim nós fomos; fomos e acertei com três famílias aqui. Todos ganharam uma casa. E isso é um orgulho que eu tenho, que não praticamos a mínima injustiça com esses miseráveis. Todos saíram... hoje me encontram aí filhos e netos, até hoje agradecem. E limpamos aqui na frente. Fomos ousados. “Nós vamos fazer uma campanha para começar a construção.” Até porque tinha o processo de reconhecimento que era no Conselho Federal de Educação. Isso era um terror. Isso não é como hoje. Esse era o temor. Eles exigiam sede própria, professores habilitados e... então era brabo! E nós fomos com essa... E o que é que nós fizemos? Saímos por aí com o livro-ouro, um livro debaixo do braço. Mandamos fazer um prato, um prato lá nas Porcelanas Schmidt, com a esfinge da maquete deste bloco aqui, deste conjunto de blocos aqui. Fomos nas firmas pedir uma contribuição para a construção da futura universidade. Ele assinava o livro de ouro, tinha livro de mil cruzeiros, tinha de quinhentos e de duzentos e cinqüenta, e ganhava um prato. Ali nós levantamos vinte mil e duzentos cruzeiros, e com estes vinte mil deu para custear o estaqueamento. Fizemos um oba-oba tremendo, lançamos a pedra fundamental. Convidamos o governador do Estado, convidamos o 23 BI de Blumenau, o prefeito Zadrozny estava aqui, Martinho da Veiga estava aqui, fizemos um oba-oba para ver como a coisa era...

V.F.C. - O professor Martinho nunca viu essas outras instituições como concorrentes?

V.E. – Não, não

V.F.C. – Sempre como parceiras...

V.E. – Era muito longe uma da outra. Quem é que ia para Blumenau, naquela época, para estudar? Aí começamos. Vocês podem olhar as fotos lá na frente, no memorial, o discurso, eu e o Gemballa e tal. E o governador naquele dia... Nós tínhamos cinco deputados estaduais aqui, dois federais nessa região. E eles estavam presentes. Daí o governador disse: “pois é, eu estou aqui, eu acho que a maioria da Assembleia é do Alto Vale, eu acho que eu posso assinar, né deputados? Vocês vão me dar apoio, né?” E assinou duas parcelas de cinquenta mil. Então isso foi uma grande coisa, demos um presente para o governador, uma estátua do Cacique Trovada, que era o cacique pioneiro nessa região. Fizemos o estaqueamento, mas tinha que arrumar mais dinheiro, só o estaqueamento não adiantava. Fiz um projetinho, tínhamos um deputado aqui muito atuante, Albino Zeni, deputado federal... Ele era muito amigo do Jarbas Passarinho, ministro né, e conseguimos mais cem mil lá do Governo Federal. E fizemos este bloco aqui.

V.F.C. – Seria, para ficar registrado, seria...

V.E. – Todo o bloco A. Fizemos uma construção bonita. Isso aqui é tudo maciço, não é laje pré-moldada não, é bloco maciço. Isso aqui é uma fortaleza. Mas, paralelamente, nós estávamos cercados de favela aqui. Paralelamente negociando com o pessoal, tira mais uma casinha, tira mais outra e tal. Quando nós ganhamos este terreno, fui falar com o juiz Alcides Aguiar, hoje ele é desembargador. Era um juiz bem jovem e eu disse para ele o problema. Ele me disse: “Cuidado com isso ali, isso ali, esse pessoal, todos têm usucapião, todos. A justiça não se mete naquilo ali. Aquilo é um problema social.” O terreno era da Companhia Victor Probst de Blumenau. O Victor Probst abriu mão para a prefeitura porque não tinha solução, fazer o quê?, só estava pagando imposto. Deu de graça para a prefeitura e a prefeitura deu para nós. Nós começamos essa luta em 69. Na edificação e naquele ano também, nós não conhecíamos coisa nenhuma de universidade, nem Blumenau nem nós. Metodologia, essas coisas, não conhecíamos nada. Um dia o Martinho me ligou: “Viegand, topas nós irmos lá no Rio Grande conhecer as faculdades lá que estão começando?” “Vamos!”

V.F.C. – Também era um modelo de fundações?

V.E. – Era, era tudo. Numa Caravan grande fomos Martinho, José Canto Rufino, Milton Pompeu, Victor Sasse e eu. Fomos para o Rio Grande. A primeira parada foi em Gramado. Entrou num dia frio, chovendo. Conheci Gramado, almoçamos lá e tal. Prosseguimos, paramos em Caxias do Sul. Caxias estava como nós, só que eles começaram com medicina. Assim como nós começamos com administração, Blumenau com economia, eles começaram com medicina, porque o líder, o grande líder era médico, chamava-se Virvi Ramos. E fomos lá ver. Uma casinha lá, um troço bem rudimentar. De lá nós fomos para Porto Alegre, na Universidade Federal. A Federal não tinha grande coisa, era uma esculhambação tremenda, me lembro daquelas portas, tudo caindo aos pedaços, uma impressão horrível. Mas o José do Canto Rufino, que era diretor da faculdade de direito, tinha algum conhecimento com o Mariano da Rocha. Mariano da Rocha era o reitor da Universidade de Santa Maria. E nós fomos para Santa Maria. A construção estava iniciada. Não tinha um prédio pronto, nenhum. E eu até disse para ele, “Dr. Mariano, porque o senhor não apronta um prédio para começar?” “Não, não faço não. Porque se eu fizer o ministério vai dizer: agora te vira lá. Eu sempre digo que não tem nenhum pronto.” Era truque dele, ele era um grande idealista também. Ele era odontólogo de profissão. Nós fomos tomando conhecimento dessas instituições todas. Contratamos um professor de Ijuí, para dar umas aulas de metodologia de ensino superior. Chamava-se, ele era famoso, Frei Romano. Frei Romano veio, ficou uma semana em Blumenau, no Santo Antonio, e toda noite nós íamos assistir aula de metodologia de ensino superior.

V.F.C. – Vocês íam a Blumenau? Já tinha BR nessa altura?

V.E. – Não, não!

V.F.C. – Não?

V.E. – Era sessenta e pouco. Só fins de sessenta e oito. Mas como era janeiro, fui para Camboriú, fiquei em Camboriú de dia e à noite vinha pra Blumenau, todos os dias. E de fusca né. Aprendemos muito. Ninguém sabia coisa nenhuma, aprendemos muito com aquele cara. E ele disse uma coisa que eu nunca esqueci. Porque o temor de todos era: “e se entro numa sala para dar aula... porque a maioria era profissional, não era professor de carreira, se eu entro numa sala, começo a falar e o aluno me pergunta uns

‘troços’, o aluno sabe mais do que eu.” Disse ele: “vocês nunca superestimem o aluno. O aluno sempre sabe muito menos do que tu achas que ele sabe. Então nunca comecem o programa de vocês, dando ‘ah, isso aqui é elementar, isso aqui nem vou dar que o aluno já sabe.’ Não. Sempre comecem ali no zero.” Nunca me esqueci e isso é uma verdade. Muito professor diz: “ah isso aqui vocês já sabem, isso aqui é coisa elementar, não vou ensinar isso.” Ainda tiveram algumas passagens hilariantes nessa viagem. Eu e o Victor Sasse ficamos num apartamento de um hotel recém-inaugurado, um dos principais hotéis de Porto Alegre, e de manhã cedo nós abrimos a torneira e não tinha água. Bom, nós saímos de dia pra visitar as faculdades e tal. Acontece que durante o dia voltou a água. Quando nós voltamos, o corpo de bombeiros estava lá na porta, estava um alarde tremendo. O nosso quarto estava alto assim de água. [risos] Um fato hilariante esse daí

V.F.C. – Mas quem saiu culpado professor, o senhor ou o senhor Victor? [risos]

V.E. – Olha, não sei. Pode ser que fui eu, pode ser que foi ele. A verdade é que a gente abriu e não fechou outra vez. Bom, nós tivemos uma experiência em 69 aqui, porque Direito sempre era reclamado; botar uma faculdade de Direito... E em 1969 fui a Blumenau, falei com o Martinho, falei com o Canto Rufino, ele era juiz do trabalho. “Será que nós podemos botar uma faculdade por extensão lá em Rio do Sul?” “É, acho que dá, vamos fazer.”

V.F.C. – Mas que seria então, no caso, a faculdade de Blumenau aqui com um curso... Como é que foi feita esta parceria professor?

V.E. – Olha, aquela de 69 eu vou dizer pra vocês que não foi feito nada, foi no grito. Assim: “Pode começar.” Assinamos um termo, FEDAVI com a FURB e tal...

V.F.C. – Foi o senhor, junto com o professor Martinho que decidiram: “Ah, vamos colocar...”

V.E. – É. E o Canto Rufino. E começamos Direito ai atrás da igreja. A faculdade de Administração funcionava no porão do Colégio Dom Bosco e a faculdade de Direito lá em cima, no salão paroquial. E começamos. Fizemos vestibular e tal.

V.F.C. – Mas quem é que chancelava no caso, a FEDAVI ou a...?

V.E. – Não, nós éramos, vamos dizer assim, só os administradores, mas o curso corria em nome da FURB. Acontece que ia bem, ia bem. E eram tudo uns veteranos que... Aliás, pessoas brilhantes, mais tarde tornaram-se deputados, delegados, juízes de direito. O Anderle, ele se tornou auditor do imposto de renda lá em Joinville, enfim... Mais tarde esses caras foram grandes figurões. Começamos e tal, o primeiro ano. Segundo ano, em 1970. Um belo dia nós recebemos um telefonema do Dr. Guímbala, não sei se já ouviram falar, ele tem uma faculdade em Joinville. Dr. Guilherme Guímbala. O mesmo Guilherme Gemballa e ele era Dr. Guilherme Guímbala. Deviam ser parentes, porque eles tinham a personalidade muito parecida. E o Gemballa sempre queria conhecer o Guímbala, que era inspetor do ensino superior e tal. Um dia ele ligou e disse: “olha, domingo eu vou ali, tomar um café. Vou levar a minha esposa, vou levar um amigo junto.” E veio. Tomamos um café na casa do Gemballa. E eu e o Gemballa só falando em faculdade, vamos mostrar pra ele onde funciona a nossa faculdade, a gente tinha uma vergonha desgraçada, porque o porão ali... O meu gabinete era assim, um canto. Era uma coisa! [risos] “É, tem o Direito também e tal.” Aí o cara que estava com ele era um inspetor também do MEC, era um inspetor do MEC. Ele disse assim pra mim: “escuta, essa faculdade de Direito é com quem?” “É com Blumenau, temos um convênio e tal.” “Isso está legalizado no Conselho Federal de Educação?” “Bom, eu não sei, isso tudo ficou a carga de Blumenau. Eles é que fizeram isso.” “É, eu estranho porque até agora só uma universidade tem o convênio aprovado, que é lá do Rio Grande do Sul, não tem mais nenhuma no Brasil, vocês tem que ver isso se isso não é frio aqui. Vocês veem, senão vocês vão responder civil e criminalmente. Vejam bem esse negócio.” E o Gemballa falou para mim: “Viegand, vamos para Blumenau amanhã.” “Não sei, eles disseram que está ok, tudo certo.” Fomos a Blumenau! “Martinho, Rufino, isso está legalizado no Conselho Federal, aquele ‘troço’ e tal?” “Não isso não precisa, não precisa.” “Dois inspetores lá do MEC ameaçaram... eles aconselharam: parem já, parem já se não estiver legalizado.”

V.F.C. - Quem deu essa sugestão?

D.J.S. – Os dois conselheiros.

V.E. – Os dois. O Guímbala e o outro que veio, o baiano...

V.F.C. – Lembras o nome dele, professor?

V.E. – Não, esse outro eu não me lembro. Era um morenã da Bahia. Pois é e eles ainda queriam dizer não, “como não tem problema? Não temos documento, nada.” Era um curso fantasma, um troço frio.

D.J.S. – Um acordo de gabinete.

V.E. – Chegamos à conclusão que tínhamos que parar para não correr o risco. Mas, se acertou lá com o Martinho, tudo bem. Mas os alunos podem continuar na FURB, então fariam o terceiro ano já na FURB. O diabo foi aqui né. Foi chegar e dizer para os estudantes.

V.F.C. – Como foi a reação dos estudantes?

V.E. – Meu Deus! Viraram uma noite toda batendo tambor e lata na frente da minha casa e na casa do Gemballa.

V.F.C. – Foi feito uma manifestação?

V.E. – Meu Deus do céu!

[risos]

V.F.C. – E eram quantos estudantes mais ou menos?

V.E. – Ah, isso eram duas turmas, deviam ter uns oitenta alunos.

V.F.C. – Quer dizer... Naturalmente na época esses cursos eram pagos, né?

V.E. – Sim, sim!

V.F.C. – Os estudantes...

V.E. – Pagavam e tal. Mas aí a gente foi conscientizando, era um pessoal mais adulto, olha vocês podem perder tudo, assim vai automaticamente, a FURB já reconhece e vocês prosseguem lá. Já é o terceiro ano e tal. A gente conseguiu contornar. Isso foi fim de novembro, mais ou menos que nem agora, e no dia vinte e cinco de dezembro o Gemballa morreu.

V.F.C. – Qual o ano?

V.E. – 70. Bom, tinha um outro fato. A gente queria ampliar o negócio aqui, os cursos. Eu criei o colégio técnico, o curso de secretariado, mas a gente queria ampliar no ensino superior. Acontece que tinha uma legislação, naquela época, que se chamava ... Era um acordo estipulado pelo MEC, de região pedagógica, Região Pedagógica 34, da qual participavam Blumenau, Rio do Sul, Lages. E era assim: se Blumenau tinha um curso, nós não podíamos colocar. Se Lages tivesse, nós não podíamos colocar. Não podia repetir, entende? Então nós queríamos botar Ciências Contábeis, não podíamos, Blumenau e Lages já tinham; não pode. Pedagogia, Blumenau tem, não pode botar. Como é que vamos fazer isso? Aí, mais uma vez Blumenau falou o seguinte: nós vamos formar um convênio. Mas convênio...?

V.F.C. – Havia ilegalidade nesses convênios?

V.E. - Não é que pudesse ser ilegal, mas Blumenau não era universidade ainda. Era uma Fundação, como nós éramos.

V.F.C. – Mas depois também não era ainda...

V.E. – Não, mas depois ela já podia, era reconhecida como Fundação Universitária. Eles então poderiam firmar convênio com a homologação do Conselho Federal de Educação. Então acertamos com a FURB. O primeiro curso em convênio foi Pedagogia.

V.F.C. – Com habilitação em Administração Escolar.

V.E. – Administração Escolar. O outro foi Ciências, depois Letras.

V.F.C. – Que era um curso de licenciatura curta?

V.E. – Certo! E depois também a plena. Depois Ciências, Letras. Letras teve diversas turmas.

V.F.C. – Habilitação Português?

V.E. – Português. Ok, funcionava bem. Nós então tentamos no Conselho Estadual de Educação, mais uma vez, o Direito. Já tinha caído aquela legislação ali do... Resolução 34, mas o Conselho negou, disse que nós não tínhamos as condições. Aí comecei a negociar com a FURB para colocar uma extensão, mas...

V.F.C. – Não havia uma desconfiança, professor, depois do acontecido?

V.E. – É. Tinha, tinha uma desconfiança e também, como o curso de Direito era muito concorrido na FURB, eles tinham que destinar vagas para nós. Então tinha isso. Fui lutando, lutando, lutando, mas foi difícil.

V.F.C. – Como assim professor, destinar vagas?

V.E. – Eles tinham que tirar... Blumenau, por exemplo, tinha cem vagas, então aqui, se colocassem cinquenta vagas pra Rio do Sul, eles ficavam só com cinquenta.

V.F.C. – Eles não poderiam colocar cento e cinquenta vagas?

V.E. – Não, eles tinham que obedecer o total de vagas que tinham aprovado para o curso, entende. Depois se lutou e eles conseguiram aumentar as vagas no Conselho Estadual. Cederam cinquenta vagas, iam ceder cinquenta vagas para nós. Mas aconteceu um fato: a resistência aqui para botar curso de Direito.

V.F.C. – Que tipo de resistência professor?

V.E. – Dos profissionais de Direito.

V.F.C. – E por quê?

V.E. – Medo de concorrência.

V.F.C. – Reserva de mercado...

V.E. – Mas foi uma oposição ostensiva.

V.F.C. – Que se dava de que forma? As pessoas...

V.E. – “Não concordamos em implantar o curso de Direito em Rio do Sul.”

D.J.S. – Quer dizer, eram esses mesmos filhos de Rio do Sul, que tiveram a mesma história do senhor, que foram estudar fora e voltaram...

V.E. – Sim. Certo! Os advogados tradicionais aqui e tal. Só tinha um cara que me apoiava nessa história, era um juiz, Guilherme de Souza, os demais eram contra.

V.F.C. – Mas eles se manifestavam via imprensa? Como é que eles faziam isso?

V.E. – Sim, se manifestavam, mandavam carta para a FURB, porque eles sabiam que a gente estava em negociação com a FURB e dizendo que não apoiariam. Daí eu fui lá, o Celso Mário Zipf era o Reitor. O Mário até deu aula aqui um tempinho, Celso Mário Zipf. “Celso, muita briga, vamos botar esse troço.” “Pois é, mas o teu pessoal lá...” “Não, vamos botar.” “Bom, tu achas?” “Tu topas?” “Topo!” Eu vou para Blumenau, para assinarmos o convênio, chego lá o Celso diz: “Vem cá, quero te mostrar uma coisa.” Ele e o José Leal. “Olha aqui, uma carta da OAB de Rio do Sul, dizendo que não vão apoiar.”

V.F.C. – Mas eles davam algum argumento? A OAB tinha algum argumento técnico?

V.E. – Argumento era que não tínhamos condições, que precisávamos ter primeiro pós-graduação, eles inventavam uns troços assim. Eu disse: “agora é que nós vamos botar.” “Sim, mas professores?” “Posso falar com os teus professores, ver se eles me ajudam lá? Já tem muitos de outros curso que estão ajudando.” Diz ele: “olha, amanhã vai ter reunião do Departamento de Direito Público e Direito Privado. Do Direito Público, o presidente era o Schmitt, aquele promotor que morreu em um acidente de helicóptero

D.J.S. – Ah! É, Luis Carlos Carvalho.

V.E. – Isso! Carvalho Schmitt.

D.J.S. – Trabalhava no Bloco A da FURB, inclusive.

V.E. – Exatamente. E do Direito Privado era o... daqui a pouco eu lembro o nome dele. E eu fui pra lá, falei: “posso conversar com os professores?” Expus o problema para eles e se eles estariam, se alguns estariam dispostos a cooperar para nós começarmos o curso. Aí um disse: “pode contar comigo.” “Ah, pode contar comigo também.” Feito. Voltei para Rio do Sul, botei uma faixa bem grande no centro da cidade: Dia 1º de Março de 1993 irá começar o curso de Direito em Rio do Sul. Meu Deus do céu, isso foi uma bomba! Eles não esperavam isso. Fizemos a aula inaugural ali no auditório, o Celso estava, daqui só tínhamos o Juiz, e o Pasqualini veio.

V.F.C. – O Pasqualini, ele...

V.E. – Ele era um advogado daqui.

V.F.C. – Sabe o nome completo dele?

V.E. – Jaime João Pasqualini. Ele foi Reitor aqui antes de mim.

V.F.C. – Certo.

V.E. – Começamos, e eles torciam para não dar certo. Foi uma maravilha! Teve um cara daqui, um promotor que veio, muito bom, José Afonso Bizzato. Um excelente

professor, não queria nem conversa, ele veio de fora, deu introdução ao Direito, fantástico o cara! E foi bem o curso.

V.F.C. – E os alunos, eles aderiram ao curso? Porque havia todo o problema anterior.

V.E. – Sim, sim. Nós tivemos seis candidatos por vaga. Então entrou também uma turma de veteranos, grande parte já tinha feito Administração.

V.F.C. – E quem fazia o vestibular? Já era a ACAFE, nesse tempo?

V.E. – É. Começamos o curso e daqui a pouco o pessoal vinha chegando: “pois é, não é que eu sou contra, acho que vocês deviam botar pós-graduação primeiro.” “Também vamos botar! Também vamos botar!” Chamei o Fúlvio para montar um curso de pós-graduação de Direito, especialização. Montamos, oferecemos, aí eu disse: “Está aí o curso!” Alguns vieram fazer. Daí chegavam: “Olha, a hora que tu precisares de um professor, me coloco à disposição.” “Não tudo bem, a hora que a gente precisar, mas está indo muito bem o curso.” Prova disso foi que a primeira turma que se formou tirou o maior conceito no provão de Santa Catarina. Batemos até a Federal. Até o Reitor da Universidade Federal me ligou: “parabéns, a primeira turma tirou o mais alto conceito do provão.” O outro ‘cri-cri’ deles era o seguinte. O Celso disse: “Olha, eu não confio em ninguém ali de Rio do Sul, eu só aprovo isso aqui se você for o diretor do curso.” Não sou jurista. Era um problema, eu dirigia, era o diretor das outras faculdades, fui diretor também do Direito. Ficaram mais putos da vida ainda, botaram um cara que não era do Direito como diretor do curso de Direito. Mas depois que saiu a avaliação, eles não falaram mais uma palavra.

D.J.S. – Professor, teve um projeto na década de 90, chamado Quatro F, que falava de uma Universidade Barriga Verde. O senhor poderia falar um pouco desse projeto?

V.E. – Sim. Realmente foi uma ideia que tinha sentido. E nós tivemos muitas reuniões, principalmente em Blumenau. A ideia era de formar uma grande universidade. FURB, UNIDAVI, UNERJ e UNIFEBE, com revezamento até no âmbito da direção. E foi indo bem. Só que daqui a pouco começou a vir aquela febre de cada um querer defender a sua cidade. “Ah não, somente se o reitor for daqui.” Em verdade seria uma grande

solução, porque hoje todas as fundações experimentam uma fase de queda de demanda. E o que vale é a força, ter um grande poderio. Já imaginou a força que teriam essas quatro instituições? Eu até confesso que na época até aqui começou a ferver um negócio também contra, “ah porque Blumenau quer...” Não era essa a intenção. Lógico, até se argumentou de a sede administrativa ser em caráter de rodízio, ser um tempo em Blumenau, um tempo em Rio do Sul e tal. Mas não havia essa intenção de que Blumenau vai engolir todo mundo.

V.F.C. – Imperialismo da FURB.

V.E. – É, não havia nada nesse sentido. Mas essa... eu diria, irracionalidade, pensando em si e não pensando no projeto futuro, fez com que a coisa começasse a encolher. Porque ela estava bem avançada.

V.F.C. – Essas discussões da Universidade Barriga Verde, como é que começou isso?

V.E. – Ah, isso começou numa reunião em Blumenau, em que se olhava já para o futuro com as universidades federais avançando, com a implementação das privadas.

V.F.C. – O senhor lembra quem era o reitor na época, da FURB?

D.J.S. – Egon.

V.F.C. - Era o Egon?

V.E. – É, acho que era o Egon.

D.J.S. – É, primeiro a gestão do Mércio, depois o Egon. Mércio, Egon, foi na gestão do Mércio.

V.E. – É, acho que foi na gestão do Mércio. E olhando para o futuro. Nós não podemos perder campo. Mas infelizmente depois não se falou mais nisso. De vez em quando a gente ainda conversa sobre este assunto. Assim, outro dia falando com o Eduardo, ex-reitor, ele disse “eu acho que todos nós perdemos uma grande oportunidade”. Eu digo

que também acho. E tinha apoio do Conselho Estadual para isso, tinha apoio. Até do Ministério da Educação! Uma vez foi feita uma consulta, e eles viram isso com bons olhos. Bom, a nossa ligação com Blumenau foi muito intensa, principalmente nos anos de 1970, nos anos de 80, diariamente tínhamos professores de Blumenau aqui. Só que, em 1972, Blumenau queria implantar o curso de Administração, e implantou um curso de Administração, e eles também enfrentaram um problema de professores.

V.F.C. – E já não vigorava mais aquele problema da região...?

V.E. – Não, não. Geo-educacional. Distrito Geo-educacional 34.

V.F.C. – Distrito Geo-Educacional já não...

V.E. – Aquilo era um absurdo, era uma barbaridade! E aí tudo bem. Tem professor, mas vocês também têm que nos ajudar aqui em Administração. Eu dei aula de 72 a 84. Um dos pontos grandes da nossa faculdade de Administração, que deu um conceito muito grande, foi o sistema de estágio e de formação de professores. O estágio foi uma ideia maluca, mas fantástica! O aluno, zelando pela qualidade, pela excelência e aquela coisa toda, de se formar, ele tinha que fazer um estágio, cinco meses aqui na própria região, em tempo não integral e tal. E quarenta e cinco dias tinha que fazer fora da sede da faculdade em tempo integral. Vai se virar, tirar férias, é o que tem que ser. E nós arrumávamos as empresas, Só de Blumenau era Artex, Companhia Hering, Cremer, Karsten, aquela outra, grande...

D.J.S. – Sulfabril?

V.E. – Sulfabril, Teka. Na Teka era muito bom. Tinha a Olinkraft, tinha a Mercedes Benz de São Paulo, Volkswagen de São Paulo. Todas empresas de alto conceito. “Como é que vocês arrumavam essas empresas?” Tem coisas em que o governo militar era inteligente. Eles olhavam muito para isso. A empresa que recebia estagiários tinha uma redução dos juros dos seus financiamentos, o que dá capital de giro. Este que era o segredo. Então eles queriam receber realmente, e como era da área de gestão, interessava para eles. Pagavam de cinco a dez salários mínimos de bolsa por mês. Isto trouxe um conceito fantástico, porque grande parte desses jovens terminaram o prazo de

estágio, ficaram na empresa, eram contratados pelas empresas. Este foi um ponto. O outro ponto foi a questão do plano de formação de professores. Nós tínhamos que formar professores, como é que vai ficar o futuro? Não tem. Então formou-se a primeira turma, 1970. Fiz proposta para os melhores alunos, pra fazerem pós-graduação em São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas, na 9 de julho. Tá, mas o negócio era isso aqui oh [o entrevistado gestualiza, dando a entender que “o negócio era dinheiro”], dois anos! O negócio era dinheiro para mantê-los lá na universidade, na Fundação Getúlio Vargas, famosa. O Gemballa ainda vivia. Comecei a tratar isso no meio do ano e ele tinha uma amizade com a presidente da CAPES, era uma mulher, ela também parece que era da formação dele, e começamos a fazer tratativas com ela. Ela recomendou uma coisa para nós: “façam uma tentativa do projeto MEC USAID”, famoso, que os estudantes combateram tanto no passado. Porque o MEC USAID era ligado àquele projeto da *Aliança para o progresso* do Kennedy, no âmbito educacional. Mas aquilo era coisa para grandes universidades, aquilo era Estados Unidos e tal, mas nós nos inscrevemos nisso e começamos a lutar em cima desse troço. Os caras não sabiam nem onde ficava esse tal de Rio do Sul! [risos]

V.F.C. – Santa Catarina já é difícil de achar no mapa.

V.E. – É. Mas passava via CAPES. Eu recebo um comunicado que o MEC USAID teria aprovado, dependia agora só da CAPES. O curso já começava em janeiro, segunda quinzena de Janeiro, a pós lá na Getúlio Vargas. Os estudantes: “tudo bem? Nós podemos ir?” “Pode ir, vai que vai dar certo.” Eles foram, duas semanas depois eu recebo um telegrama comunicando que foi indeferido. O Gemballa tinha falecido uma semana antes. Ele cuidava desta parte. Ai, ai, ai. O que eu fiz: convidei o prefeito, porque eu também era secretário de planejamento da prefeitura. Prefeito, o presidente da ARENA, e fomos ao Konder Reis, lá em Penha, onde mora ainda hoje. Konder Reis era, para ter uma ideia, vice-presidente do senado e vice-presidente da ARENA nacional. Eu não conhecia assim o Konder Reis, ninguém conhecia. E lá fomos um dia à noite, ele estava na praia, da praia fomos para lá. Dali em diante formou-se uma grande amizade com o Konder Reis. Pedimos a sua intervenção. Dissemos a ele para falar com a presidente da CAPES. E ele anotava tudo, né. E conseguiu reverter. Algumas semanas, duas semanas depois, eu recebo um telegrama que tinham aprovado. Meu Deus do céu! A bolsa MEC USAID cobria o apartamento, a comida, bebida, custeava a

universidade. Era alta. Bom, só pra vocês terem uma idéia, nosso processo foi para o reconhecimento em Brasília, nós formamos a primeira turma em 70, mas a primeira colação de grau foi só no início de 73, porque não podia, não estava reconhecido. E eu estava com a corda no pescoço, o pessoal cobrava.

V.F.C. – Os alunos, eles estavam compreendendo isso?

V.E. – Estavam até certo ponto. Passou mais de um ano, dois e tal. Mas eu tinha que acabar o prédio aqui, esse prédio aqui. Eu tinha que provar que nós, que esses professores já eram, vamos dizer, já eram efetivos. Eu tinha que provar o plano de formação de professores, eu tinha que provar a questão de estágio e uma série de coisas. E eu não tinha isso antes. Isso aqui foi inaugurado em fins de 71.

V.F.C. – Tanto é que a biblioteca começou com uma doação sua, não é professor?

V.E. – Sim, cento e doze livros! Isso foi outro episódio. O Gemballa doou as carteiras e as cadeiras pioneiras e eu doei os cento e doze primeiros livros, comprados na Siciliano em São Paulo.

V.F.C. – Que versavam sobre administração?

V.E. – Sobre administração. Eram os livros básicos. Que era tudo, não tínhamos dinheiro. Dinheiro da onde? Prefeitura só prometia. Nós tínhamos um título inalienável, uma coisa que até hoje eu também não entendi: título inalienável no valor de mil salários mínimos, que renderiam seis por cento ao ano. Hoje mil salários dariam quinhentos e poucos mil. Seis por cento disso, trinta, trinta e três mil de juros. Nunca recebemos, nunca!

V.F.C. – E continuam com esse título ainda?

V.E. – Está na contabilidade hoje ainda. Historicamente! [risos]

V.F.C. – É que ele é inalienável. [risos]

V.E. – Inalienável, não dá para vender.

D.J.S. – É uma ótima idéia...

V.E. – Então, nosso processo finalmente, em 72, foi para o Conselho Federal de Educação e pegamos como relator o reitor da Universidade Federal do Ceará, era tudo figurão lá. Esther Ferraz Ferreira era o presidente do Conselho. E era aquela expectativa, quando é que vai a plenário, debate e barbaridade! Participei lá da plenária, fui assistir o debate. Olha, nós recebemos um elogio fantástico! Ele disse assim: “eu não conheço essa cidade, isso é lá no interior catarinense, mas uma escola dessas, pequena, que pode aqui demonstrar um contrato, um convênio firmado com a Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, financiada pelo convênio MEC USAID, é de realmente aplaudir”. Porque só as grandes universidades conseguiam isso, só as grandes universidades. Formamos esses quatro professores em dois anos, tempo integral, especialização. Hoje fazem doutorado. Indo a cada quinze dias, de segunda a segunda, era fogo! Eu ia lá de vez em quando visitá-los, os caras sempre estavam de cabelo arrepiado. Eles não tinham domingo, não tinham feriado, não tinha nada. Eram cinco livros de leitura por semana. A maioria eram professores de Michigan, eles tinham um acordo com Michigan, Michigan treinava os professores da Getúlio Vargas, eles iam para lá. Então metade eram professores americanos. Surgiu a questão do estágio, como você faz para os caras ficarem em tempo integral na empresa lá e tal. Eu disse olha, isso aí é uma política nossa. Se bem que hoje isso não seria mais possível. Também não tem incentivo para as empresas. As empresas faziam porque tinham incentivo, via Banco do Brasil. Mas seria excelente, uma experiência fantástica, fantástica!

V.F.C. – Professor, o senhor lecionou na FURB. Isso foi em 72?

V.E. – Sim, de 72 a 84.

V.F.C. – Bom, o senhor também lecionou aqui, conhecia os alunos daqui. Havia diferenças pedagógicas entre os dois cursos, no trato com os alunos, na resposta que os alunos davam?

V.E. – Eu te diria assim, as primeiras turmas na FURB foram muito boas. Talvez na FURB encontrei o aluno mais eficiente da minha carreira. Ele chamava-se Greuel. Era um cara que depois tornou-se sócio do... daquele cara que era advogado, que era dono da Coca-Cola, era um advogado alto assim. Irmão do Werner Greuel, como é que é o nome? Atuou na questão da computação lá de vocês...

D.J.S. – O Arno.

V.E. – É, Arno. Ele foi sócio... Esse cara era fantástico! Eu disse a ele: “olha tu deves ser professor”. A minha disciplina era difícil: Administração Financeira. As turmas pioneiras eram boas. Nós íamos para o caso prático, resolver questões práticas tiradas de empresas. Nós ficávamos até uma hora da manhã resolvendo problemas. Daí o aluno dizia assim: “vamos fazer mais um, professor?”

V.F.C. – Na sala de aula?

V.E. – Na sala de aula! “Vamos fazer mais um?” E veja que não tinha computador. Quando muito tinha aquelas calculadoras fajutas, daquelas pequenininhas. Então as primeiras turmas de Blumenau foram muito boas. Depois começou a vir a gurizada.

V.F.C. – Mas havia diferenças pedagógicas, de proposta pedagógica dos cursos?

V.E. – Não, não. Isso não. Àquela época cada um procurava copiar o outro no que fosse melhor. E foram cursos muito produtivos. Se eu olho, vejo lá em Blumenau muitos executivos de muitas empresas. Eu tive a oportunidade de lecionar uma disciplina altamente técnica, prática na aplicação nas empresas. Então é lógico que você enfrentava executivos de grandes empresas lá que pensavam, “esses caras já sabem tudo”. Lembro-me que um dia começamos e tinha um senhor assim até meio calvo, de idade já bastante avançada, perguntei para ele, um pinga-fogo, no que você trabalha e tal. Ele era diretor financeiro da Artex. Daí eu ainda disse para ele: “tu não tens muito a aprender aqui não”. “Ah, eu acho que tenho e tal”. E passado uns dois meses, nós fizemos uma prova. Ele me diz assim: “agora que eu estou vendo, professor, que sei muito pouco”. A gente só faz aquela rotina lá naquela grande empresa, mas nós estávamos estudando coisas técnicas e alternativas, projeções e realmente não sei isso

aí... Mas era muito simpático, um cara muito simples, humilde, aquele Kindrieh, diretor...

D.J.S. – Da Teka?

V.E. – Da Teka. O Kindrieh foi meu aluno. O cara da Cremer foi meu aluno. Da Dudalina, a diretora, hoje presidente, foi minha aluna. O outro, do hotel, também foi. Depois ele fez Direito também. Lá do Hotel Himmelblau. Então muitos. De vez em quando, em Blumenau, eu encontro uns caras: “Oh, professor!”

V.F.C. – Professor, e a instalação dos computadores aqui?

V.E. – Ah isso também foi uma história interessante. Primeiro no ensino médio, instalei o Técnico em Secretariado, foi um excelente curso, para moças principalmente. Mas ele não prosperou por causa do nome. Fala em secretária, secretária, isso não pegava bem aí fora. Então achei por bem instalar um curso de Técnico em Processamento de Dados. Tudo bem. Bom, mas nós tínhamos que ter um computador. Isso bem no início da década de 80. Falei aqui com um representante da Olivetti, “quanto é que custa um computador grande?” Era um Prológica 700. Olha, o preço era o de um Fusca. Tinha o 600 e o 700. “Tá, vamos comprar.”

V.F.C. – E já havia pessoas aqui que sabiam...

V.E. – Não, não sabiam. Não sabiam nada! [risos]

V.E. – Mas, vamos treinar. Falei com a Cetil, se eles não fariam o treinamento. “Manda o pessoal. Vamos treinar.” Comprei o 600 e o 700. No 700 nós fazíamos a folha de pagamento e o caixa, só; mais do que isso ninguém sabia. Daí mandei para a Cetil, a Cetil deu um treinamento e tal. Arrumei uma bronca aqui com o Conselho Curador, tremenda, os caras queriam me matar. “Como é que você vai comprar um treco desse? Isso ai é pra empresa grande, isso ai é empresa internacional!” “Não, nós temos que avançar na informática!” Era o primeiro computador em Rio do Sul. Ainda bem que tinha um promotor, que fazia parte do Conselho, que me defendia. Disse ele: “não, ele tem razão, nós temos que avançar.” “Mas ninguém entende nada, isso ai é pra empresa

grande e tal.” E nessa esteira resolvi implantar um curso médio de Processamento de Dados. Fui à Cetil e acertei a compra do CP 500, com umas coisinhas verdes assim, desse tamanho.

V.F.C. – Monitor pequeno.

V.E. – É, era uma coisinha assim. Os professores reclamaram, é muito fraco, não tem capacidade. Tinha até um computador que era ainda com...

V.F.C. – Fita magnética?

V.E. – Fita magnética. Bom, eu queria modernizar. “Tenho que avançar e tal.” Falei mais uma vez com a Cetil, porque ali era uma referência. Ela fazia todo o trabalho para as empresas de Blumenau. Inclusive, um ex-aluno da primeira turma de economia, era o diretor lá. Décio Moser. Da primeira turma.

D.J.S. – Décio Moser.

V.E. – Décio Moser e o Ingo Greuel, que era o sócio dele.

D.J.S. – Presidente do Lira Círculo Italiano.

V.E. – Isso. Ele disse, “olha Viegand, o que tu achas...” Eu disse, “computador superior a esse daqui, esse CP 500. Não tem o XP?” “Pois é Viegand, não sei se esse é superior ou não. Também não posso te ajudar muito. Mas eu vou te mandar um cara, se tu aceitar, um rapaz, que tem trabalhado conosco aqui, e esse rapaz está no Brasil agora e entende muito. Podes marcar um dia... quinta-feira.” Chamava-se Dieter Tiedemann. Era de uma empresa de tecelagem, de confecções. Não sei se é exatamente Tiedemann, mas é isso aí. O guri foi antes ao meu gabinete. Ele veio e se apresentou, de gravata e tal, 21 anos. “Pois é – digo – estou querendo ampliar esse curso de Processamento de Dados, mas queria avançar um pouco nos computadores e o que que tu tens? E o XP?” Ah, mesma coisa. Ai diz ele assim pra mim, “o negócio não é máquina, é aqui ‘ó’, é aqui ‘ó’.” [*o entrevistado gesticula sinalizando o cérebro*] Máquina faz o que você manda fazer.” E ai ele começou a falar, falar. Sabe quem era ele? Era um integrante da

equipe de estudos da inteligência artificial da Suécia. Fez parte da equipe. Vocês sabem que existem três no mundo. Uma nos Estados Unidos, Suécia e outra no Japão. Ele era um prodígio, um gênio. Gostaria de saber onde está esse rapaz hoje. Esse cara começou a falar. Sabe da onde é que ele vinha? Ele estava agora no Brasil, e era professor convidado do curso de doutorado na PUC do Rio Grande do Sul. Ele não tinha o ensino superior, em toda escola mandavam ele embora porque o professor falava e ele já estava lá na frente, já sabia mais. Notório saber... Ele era fantástico. Mas não era só nisso. Daí eu disse, “ô rapaz, será que hoje a noite nós não podíamos reunir os professores e os alunos e tu fazeres uma exposição?” “Não, tudo bem.” Coloquei todos no auditório ali em baixo, apresentei-o. Ele começou falando de Antropologia, passou para História, passou para a Matemática, para a Física, para a Química, para a Biologia. E tudo o que ele falava, escrevia. Fórmulas. Enchia o quadro. Ao meu lado tinha um professor nosso, de Biologia. Quando ele entrou nessa parte de Biologia. Eu disse assim, “isso que ele está escrevendo é real ou isso é...” “É isso aí mesmo.” E ele perguntava se alguém tinha alguma pergunta para fazer. Ninguém ousava perguntar. [risos] Ele era um gênio. Era uma personalidade muito forte. E aí discutimos e mandei ele parar. Era meia-noite e pouco já. Ele queria demonstrar a existência de Deus com fórmula. Daí eu disse, “não, agora pára, pára. Agora vai complicar tudo.” Nós ainda fomos a um restaurante, eu, professor Pisk e ele, jantar no Concórdia. Eu disse, “rapaz tu és uma máquina, que é isso? Tens tempo pra namorar e tal?” Ele estava com uma bolsa, uma bolsa grande, só com livros dentro. Eu disse, “pois é, vais embora amanhã cedo, vai no hotel dormir.” Ele me disse, “eu não durmo, eu me transformo em estado Alfa. Ainda vou ler todos estes livros hoje à noite.” “Como é que tu vais ler esse troço?” Ele já tinha lido mais de dois mil livros. Por isso eu digo, gostaria de saber onde está este rapaz.

V.F.C. – Professor, quando foi criado o curso de Administração, este foi o terceiro curso no interior, porque nós tínhamos Blumenau com Economia, e Itajaí também tinha...

V.E. – Tinha Filosofia.

V.F.C. – Filosofia. E Lages também já tinha...

V.E. – Não. Aliás, tinha Economia.

V.F.C. – Então o quarto curso provavelmente.

V.E. – É, como Administração foi o segundo, primeiro ESAG, depois aqui.

V.F.C. – Certo. Mas logo no início da década de 70 tem início a ACAFE, e a FEDAVI participou da fundação da ACAFE. Como é que surge a idéia da ACAFE, professor, como é que a FEDAVI se incorpora nisso?

V.E. - Começou um movimento, lá por 1972, para criar as mega-universidades. Também tinha uns malucos no meio, né. Cada ideia! Em todos os tempos tem isso. De formar grandes centros. Então seria o centro do Vale do Itajaí, o centro universitário do Planalto, o centro universitário do norte do estado e tal. E isso nós fomos discutir no Hotel Marambaia, em Balneário Camboriú, em 1970. E começou a evoluir... para frente, para trás, para frente, para trás e chegou-se a conclusão que isso era utopia, que isso não dava, ou precisava muito dinheiro, para quem não tinha dinheiro nenhum. Começou a se falar em criar uma entidade que incorporava todas essas nossas entidades. E aí tivemos uma famosa reunião em 1972, em Ibirama, onde saiu a carta de Ibirama. E lá começou realmente a avançar. Teve a reunião em Blumenau, que era para lá, naquela oportunidade, já ser criada essa associação. Mas o pessoal do sul era muito forte, o pessoal de Tubarão. O presidente era o professor Oswaldo Della Justina, e ele, lógico, puxava a brasa para o lado deles. Foi-se costurando e tal. Definido! Vamos criar então a associação, englobando essas instituições que já existiam, porque muitas ainda não existiam no Estado. No dia dois de maio de 1974 nós criamos a ACAFE no hotel em Gravatal. Era logo depois da enchente, da famosa enchente em Tubarão que arrasou tudo. Nós fomos para lá, chegamos em Tubarão e era só ruínas. Dormimos em um hotel improvisado lá em Tubarão, por isso que foi feito em Gravatal. Tubarão estava destruída. Lá se criou essa associação, e o presidente foi realmente o Oswaldo Della Justina. Assim, ele puxou muito para o lado dele. Eu digo que nos primeiros anos, não agradou. Dos fundadores, eu sou o único que subsiste na ativa, hoje.

V.F.C. – Ele puxava para o lado dele, mas em que sentido?

V.E. – Ah, benefícios, questão da... eu me lembro da filantropia, a questão de recursos do MEC, tudo isso aí. Tu não ficavas nem sabendo, acabava...

D.J.S. – Quer dizer, então o Reitor do que seria a UNISUL hoje...

V.E. – É, naquela época era só fundação. E em verdade, a ACAFE começou a desenvolver, a desempenhar o seu papel mesmo a partir da gestão do Lauro Zimmer. Lauro Zimmer era reitor da UDESC, e ele tinha um trâmite muito bom no Ministério da Educação. Naquela época se conseguia coisas. Hoje não se consegue mais nada no Ministério da Educação. Mas ele era ex-funcionário do Ministério da Educação, tinha ligação com o Estado, porque era reitor da UDESC, então começou a avançar. Começamos a fazer o vestibular unificado. Só isso já foi uma grande coisa. Porque vocês não imaginam o que nós passamos, nós fizemos vestibular sozinhos e fizemos alguns vestibulares junto com a FURB, mas olha, isso era um troço desgraçado...

V.F.C. – O vestibular era unificado para todos os cursos. Esse vestibular junto era para todos os cursos, ou apenas para aqueles que a FEDAVI tinha parceria com a FURB?

V.E. – Não, todos; para todos. Como é hoje o da ACAFE. Mas era muito problemático. O problema do sigilo nisso tudo... E então a ACAFE começou a fazer. Também fizemos dois vestibulares com a federal. Tudo, era no estado todo. Então, eram as nossas instituições e a Federal, mas foi uma encrenca danada, porque a Federal sempre acha que eles são os melhores e tal. Acho que foram só dois vestibulares que foram feitos.

V.F.C. – Junto com a FURB também foram dois vestibulares?

V.E. – É, que nós e a FURB fizemos.

V.F.C. – O senhor lembra os anos, professor?

V.E. – Não, não lembro, mas isso foi na década de 70, com certeza. E a ACAFE cresceu e acho que hoje desempenha... Casualmente somos o presidente hoje. Desempenhou e desempenha um papel muito importante, inclusive nas tratativas junto ao Ministério da Educação, Conselho Estadual, Secretarias de Educação. A luta pelas bolsas de estudo,

que é uma das grandes bandeiras, e se tem conseguido realmente sempre avançar nisso. O Artigo 170, o Artigo 171, fundo social etc. Agora, as instituições cresceram, mas têm problemas também. Os problemas também cresceram. E eu diria que os problemas maiores estão nas grandes. Tem que ter cuidado. A questão do Imposto de Renda, uma questão toda aí que é problemática. Mas uma das grandes bandeiras que está se defendendo hoje é a aprovação do PL 7639, que é a aprovação do marco regulatório das universidades comunitárias. Que é nós sairmos definitivamente dessa situação pública. Para a Constituição, pública e privada, só tem essas duas opções. Mas nós, criadas pelo poder público municipal, não somos nem públicas, nós somos de natureza pública, mas de direito privado. Então nós não somos privadas, mas também não podemos dizer que somos públicas.

V.F.C. – Foi o problema que a FURB enfrentou por anos e anos.

V.E. – Exatamente. Então é uma luta que vem desde o início do ano passado, o projeto de lei está tramitando, passou por diversas comissões, saiu agora da comissão de educação, foi para a comissão de finanças e deve ir para a de justiça ainda este ano, onde tem terminativo. Não vai para sanção presidencial. É fundamental que definam de uma vez por todas, o que poderíamos chamar de terceiro setor, legalizado. Privada, pública, comunitária. E isso vai ajudar muito as instituições. Porque teríamos também direito ao acesso ao orçamento da União. Pesquisas, bolsas, formação de professores.

V.F.C. – O senhor esteve à frente da ACAFE, como é que o senhor vê a questão, todo o debate que se trava em torno do projeto da federalização da FURB, da vinda de um campus da universidade federal pra região do Vale do Itajaí? Qual é a sua posição a respeito?

V.E. – Bom, a gente torce para que dê certo. Uma vez até tivemos uma conversa com o Ministro da Educação sobre isso, com o Haddad. A questão está em como legalizar essa coisa. Porque o pessoal da FURB nos dizia sempre que a federalização da FURB seria mais ou menos assim: vamos transferir isso para o Governo Federal. E o ministro foi muito taxativo nisso, não tem como fazer isso daí. Porque, todo mundo para entrar no serviço público, precisa ter concurso, professores, funcionários e essa coisa toda. Encontrei-me outro dia, na Assembleia Legislativa com o Prata, reitor da Federal, e ele

está muito positivo, muito interessado na solução desse problema, pena que vai sair da reitoria. Mas eu não estou entendendo, porque parece que querem começar alguns cursos na FURB que sejam então públicos. Mas a pergunta é, e os outros cursos, como é que ficam? Vão ter que pagar mensalidade? Acho que, politicamente, poderá se encontrar uma solução. Agora, só passar o patrimônio para o governo federal também não tem sentido. Acho que atrás disso tem que vir a questão da solução dos professores, que poderá ser feito um quadro, entendemos nós, um quadro provisório, quer dizer, esse quadro de funcionários, professores iria vingar, mas à medida que o pessoal vai se aposentando, vai saindo, ele seria eliminado. Depois então entraria o outro quadro, em que os novos ingressam com concurso. Eu confesso que a gente não pode emitir um parecer, mas para nós seria muito bom. E até vou dizer uma coisa para vocês: este futuro será também dessas nossas instituições, serem estatizadas. Porque que eu digo isso: a demanda está caindo de modo geral, a não ser o curso de Medicina, que sempre está com a demanda alta. Existe uma pulverização muito grande. É campus de universidade Federal aqui, é campus da UDESC ali, é IFET pra tudo que é lado. Aqui temos uma em Rio do Sul, temos uma em Ibirama, parece que vão instalar agora em Ituporanga. A UDESC tem um campus aqui em Ibirama. Há também o avanço das instituições privadas. Há o avanço também do ensino à distância.

V.F.C. – E aí essa crise identitária que as comunitárias vivem, não sendo públicas nem privadas, causa também um problema de como enfrentar essa concorrência, não é professor?

V.E. – Sim. Porque, lógico, num lado você têm instituições gratuitas, no outro lado têm as que cobram. Obviamente que a tendência é ir para a gratuita. Mas tudo isso também tem um limitador. Nós, por exemplo, temos uma concorrência aqui do lado, que é o IFET, principalmente com o Curso de Informática. O forte deles é isso. Eu soube que agora tem uma turma de alunos querendo se transferir. Por quê? Porque se não é greve hoje, é greve amanhã. A questão da irregularidade nas aulas. A falta de uma estrutura laboratorial à altura. Agora eu disse, puxa, eu estudava na UNIDAVI, tínhamos aula sempre e tínhamos um laboratório de ponta. Não é só a questão de instalar campus. Eu ainda acho que a melhor solução para esse problema todo seria o Governo comprar as vagas das instituições comunitárias. Eles iam gastar um terço do que eles gastam instalando campus, institutos e tal. Estariam ajudando estas instituições e dando ensino

gratuito para os alunos. E eles reconhecem isso. O Haddad reconhece isso. Isso é uma questão política. O que a gente já sabe? O governo quer colocar a placa lá, universidade federal e tal. Isso é que dá voto. Não é a questão de comprar vagas de estudante, prova disso está sendo, eu diria assim, a decepção da universidade lá de Chapecó. Todo mundo achava que ia bombar e tal. Não está vingando não. Tem cursos lá que não dão pé.

V.F.C. – Professor, o senhor é da fase, vamos dizer... heroica do ensino superior, quando se ia lá com a cara e a coragem e criavam as instituições. O senhor, se não é o último, é um dos remanescentes desta fase. E o senhor ainda está na atividade. Olhando para trás, olhando para toda esta história e olhando para sua instituição hoje, para a UNIDAVI hoje, o que o senhor teria a dizer? Que avaliação o senhor faz de tudo isso e como o senhor vê hoje a UNIDAVI?

V.E. – Bom, a gente começou, como vocês viram, com muita humildade. Realmente foi um ato heroico. Podia fracassar a qualquer momento, comprometia o nome. Por isso que me empurraram para diretor, caras que eram mais velhos falavam-me isso, “bom você tem pouco a perder, nós temos a reputação”. Mas felizmente deu certo. E assim foi em todos os lugares. Olha Blumenau, o trabalho do Martinho, do Rivadávia, do Pompeu.

V.F.C. – Nós entrevistamos o professor Rivadávia para este mesmo projeto.

V.E. – Grande matemático! Ainda vive o Rivadávia?

V.F.C. – Não, faleceu alguns meses depois de dar a entrevista.

V.E. – Ah é?

V.F.C. – Também o Milton Pompeu

D.J.S. – O Pompeu também faleceu depois

V.E. – É o Pompeu...

D.J.S. – Hoje, o único vivo é o Diderot de Carli.

V.E. – O Diderot e o Victor Sasse.

V.E. – Então, esses caras iam a luta. O Pompeu foi um herói. O Pompeu era peitudo, enfrentava o pessoal. Ele tinha algumas animosidades, por isso nunca chegou a Reitor. Batia de frente. Mas olha, a FURB deve muito a ele. Quando começou a campanha “Junto construiremos a nossa universidade”, eu estive lá no dia. Isso foi... Esses dias me vi, lá na foto [risos]. Era o Zadrozny que era prefeito. Foi lançada a campanha da sede própria, aqueles blocos todos ali no centro foram edificadas. Como arrumar dinheiro para construir esses blocos todos. Foi lançada uma grande tómbola de cinco ou seis carros.

V.F.C. – Inclusive o Pompeu ganhou um.

V.E. – É, parece que sim.

D.J.S. – O último, um Fusca

V.E. – E aí nós entramos nessa. Veio para cá o prefeito, vieram os deputados, os deputados de Blumenau. Fizemos uma reunião. A população de Rio do Sul não viu com bons olhos, sim, mas nós temos a nossa fundação, nós não temos nada, estamos no porão. Por que temos que ajudar Blumenau? Mas nós topamos a parada. O Pompeu saía muitas vezes com o Gemballa para vender rifa. O que nós vendemos aqui foi noventa e dois mil cruzeiros. Era significativo. Vendemos nesta região aqui. E o Pompeu foi o grande articulador disso. Ele carregou essa rifa para tudo que é parte do estado para vender as rifas. Vender as rifas, tu imaginas, não era fácil. Então se deve muito a certos pioneiros que vestiram a camisa, não pensaram em dinheiro. E se não fosse isso, não teria saído. Esperar pelo Governo... não tinha. Só abrindo um parêntese. Antes de nós instalarmos aqui a FEDAVI, isso lá por volta de 65, Gemballa e nós fomos ao Davi Ferreira Lima, que era reitor da Federal, para fazer uma visita. E fizemos uma conversa com ele para instalar uma extensão, um campus, alguma coisa da Federal aqui, no alto Vale. E nós sabíamos que nós fazermos isso era um desafio tremendo.

V.F.C. – Em 65?

V.E. – 65. Ele disse não. “Não tem projeto nenhum nesse sentido. O nosso negócio é aqui, a Ilha.” De fato! Passaram-se quantos anos até que a federal resolveu sair da Ilha para empreender alguma coisa fora. Agora sim, estão despejando campus em tudo que é canto e tal. Agora, também acho o seguinte: que o governo tem que ter a sensibilidade e respeitar esse esforço da comunidade. O que foi feito em todas as regiões. Hoje nós temos, só no sistema ACADE, cento e cinquenta mil alunos. Atingimos de norte a sul, de leste a oeste. Uma capilaridade enorme. E isso tem que ser respeitado. Se o IDH de Santa Catarina melhorou, deve-se muito a isso. Que a federal e a estadual não iam botar faculdades pelo estado a fora aí. Nem tinham interesse para isso. Quando muito era Joinville, Lages tem a UDESC. Até lá, mais não interessava. Então isso tem um peso muito grande no desenvolvimento e por isso acho que o poder público tem que ser sensível a não deixar essas instituições acabarem. Mas no futuro, asseguro a vocês, será ensino público.

V.F.C. – E a UNIDAVI hoje, professor? Como o senhor olha para essa instituição?

V.E. – A UNIDAVI hoje, modéstia parte, digo a vocês que está entre as melhores no sentido do equilíbrio e da solidez. A UNIDAVI hoje não tem nenhuma dívida. Nem de financiamento, nem de empréstimo, nem previdenciário, nem fiscal. Quando assumimos, recebemos um estado bem problemático. Hoje ela está zerada. Porque nós antecipamos. Amortizei financiamentos que iam vencer em 2020. Liquidamos tudo ano passado e começo deste ano, por causa dos juros, dos custos. Você tem que olhar o que é custo numa instituição dessas. Cada item que agrega aumento de custo, você bota em cheque a instituição. Você tem que minimizar o custo, se não tu não aguentas. A hora que começa a dar déficit, quem é que financia o déficit? Banco? Pior ainda! É uma instituição pequena, nós temos ao todo, contando aí ensino básico e tal, uns quatro mil alunos. Mas dentro do padrão da região, acho que está muito bem. Mas ano a ano a demanda cai. Ela começa alta, mas aí vem a evasão, desistência, trancamento e tal. E isso em todas as instituições. Nós temos aqui algumas concorrentes, isso também contribui. Mas mostrei ontem aqui para os colegas, fiz uma projeção. O futuro será uma fusão ou uma incorporação, ou mesmo uma estatização. Por isso volta, mais uma vez, a

validade desse projeto FURB, UNIDAVI, UNERJ, UNIFEB, para fortalecer, ser grande. Porque no decorrer do tempo, as pequenas podem acabar, não tenha dúvida, com o avanço do ensino público. Na Europa, por exemplo, ensino privado é coisa rara. Ali é tudo público. Seria o correto. O ensino para todos, o ensino gratuito, esse é o objetivo. Mas nós, o sistema que foi criado, essas instituições todas que foram criadas por lei municipal em determinado momento, fizeram isso por quê? Porque não tinha nada. Ou Florianópolis ou nada. Então a comunidade teve que se mexer. Fazer sacrifício e tal. Comer o pão que o diabo amassou para implantar isso. E, diga-se de passagem, Santa Catarina é um modelo *sui generis*. Um modelo como esse sistema ACAFE que nós temos aqui, nenhum lugar do Brasil tem. No Rio Grande do Sul eles têm as comunitárias, mas elas foram criadas por particulares. Ou então...

V.F.C. – ... confessionais

V.E. – Confessionais ou então, por exemplo, tu vês uma FEVALE em Novo Hamburgo, tu vês aquela lá de Lajeado, tu vês Passo Fundo e tal. Elas não são propriamente comunitárias. E tem o negócio do interesse financeiro no meio, porque nenhuma foi criada pelo poder público. Então eles se dizem comunitárias, mas em verdade não o são cem por cento. Foi criado pela Associação Indústria e Comércio, foi criado pela federação, pelo sindicato. Mas aqui em Santa Catarina foi um modelo *sui generis*, ser criado pelo poder público municipal. E estadual, como foi o caso da UDESC, mas a UDESC é pública, totalmente pública. Ela não pode se dizer que é comunitária na sua acepção.

V.F.C. – Professor, estamos encerrando a entrevista, agradecendo ao senhor e também perguntando se o senhor tem mais alguma coisa que gostaria de estar colocando, e que eventualmente nós não perguntamos.

V.E. – Bom, vocês são da FURB e eu sempre digo o seguinte, nós devemos muito a FURB. Em todo evento, em toda comemoração, sempre destaco isso. A FURB foi uma grande parceira nossa, se não fosse a FURB nós não teríamos chegado ao ponto em que nós estamos hoje. Nos momentos difíceis em que nós não tínhamos condições de criar cursos sozinhos, a FURB entrou com convênios e cooperação. Professores. Prova disso é que em dado momento vinham professores todos os dias. O Juca Coelho vinha com

seu táxi todo dia com professores. Aprendemos muito com a FURB, nos primórdios, de como desenvolver, como criar cursos, como fazer as coisas. Então realmente nós temos uma consideração muito grande, lembramo-nos muito bem dos pioneiros e que realmente a FURB e toda a comunidade de Blumenau, devem ser muito gratas a esses pioneiros. Porque eles... antecipamos essa caminhada, nós éramos mais jovens, bem mais jovens do que eles, mas sabemos assim do idealismo que tinham, e nós aprendemos muito com eles. Aprendemos muito com eles! Ninguém olhou no sentido de ganhar dinheiro, de tirar proveito. Não, eu vou faturar alto, isso não estava no interesse de nenhum deles. Queriam que avançasse, que esse projeto se tornasse realidade. Disse para o Natel, outro dia, quando tínhamos a comemoração dos 45 anos, a UNIDAVI é grata e reconhece, e que nossa parceria, faço votos, sempre possa permanecer, de uma forma diferente como era nos antigos tempos, mas muito valiosa. Nós consideramos também a FURB uma instituição muito, muito eficiente, uma das melhores do estado. Ela tem uma reputação excelente já desde os primórdios, e nós procuramos sempre nessa trilha trabalhar para ter um excelente conceito. Por isso eu quero dizer, mais uma vez, muito obrigado a FURB.

TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente documento eu, **Viegand Eger**, cedo a Universidade Regional de Blumenau (FURB), todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem em arquivo de áudio e transcrição correspondente, em documentos anexos e por mim rubricados, da entrevista concedida a Viegas Fernandes da Costa e Darlan Jevaer Schmitt, em data de 24 de novembro de 2011, na cidade de Rio do Sul.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado, publicado e disponibilizado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Rio do Sul, ____ de _____ de 2012.

Viegand Eger

Entrevistado e doador